

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD) SOB O OLHAR DOS BRASILEIROS DA REGIÃO SUDESTE

Rio de Janeiro - RJ - 05/2015

Gustavo Guimarães Marchisotti – FGV/EBAPE, marhisotti@terra.com.br

Fatima Bayma de Oliveira – FGV/EBAPE, Fatima.Oliveira@fgv.br

Alessandro Prudêncio Lukosevicius – UFF, alessanpl@gmail.com

Classe Investigação Científica (IC): Pesquisa

Setor Educacional: Educação Continuada em Geral

Classificação da Área de Pesquisa em EaD: Nível Macro – Sistemas e Teorias de EAD – Teorias e Modelos

Natureza do Trabalho: Relatório de Estudo Concluído

RESUMO

Este trabalho quali-quantitativo, exploratório e de campo objetiva avaliar junto aos brasileiros da região sudeste, o nível de compreensão sobre o tema Educação a Distância (EaD). Este estudo baseia-se na análise dos dados obtidos a partir da aplicação do teste de evocação de palavras em um total de 100 respondentes, de forma a se construir a representação social da EaD, sob o ponto de vista dos brasileiros da região sudeste. Fazendo-se uso de conceitos teóricos previamente apresentados para discutir EaD, a representação social da EaD será comparada a essa teoria, a fim de se validar conhecimento e identificar gaps do saber, que posteriormente poderão ser fonte de novas pesquisas.

Palavras Chaves: Ensino; Educação; EaD; Representação Social.

1. Introdução

Com o advento da *internet* e das Tecnologias da Informação e Telecomunicações (TIC), a educação a distância ganhou espaço e relevância. A expansão da EaD vem revolucionando o campo educacional, em razão da democratização do acesso da população a uma variedade de tipos de cursos (LITTO e FORMIGA, 2012).

A EaD vai ao encontro de uma aprendizagem baseada no estímulo ao aluno e às suas competências, por meio da interatividade e de soluções em grupo, sem espaço para a simples memorização de conteúdo. Ou seja, uma aprendizagem baseada em “um saber fazer” e não apenas em “um saber” (FREIRE, 1986 e LITTO e FORMIGA, 2012), que só ocorre por meio de uma ruptura do modelo tradicional de ensino (LITTO e FORMIGA, 2012).

No entanto, há várias críticas ao modelo da EaD, por considerá-la como uma concepção taylorista de educação, com homogeneização do aprendizado, à imagem das máquinas na era industrial (PATTO, 2012). Nesta perspectiva, para Zuin (2006), o ensino a distância é um ensino distante.

2. Objetivo

O objetivo principal desse artigo é compreender como a EaD é vista, reconhecida e compreendida buscando responder a seguinte pergunta investigativa: *Qual a representação social da EaD sob o olhar dos brasileiros da região sudeste?*

Há um grande crescimento da EaD no Brasil, com destaque para educação superior, com aumento de 52,5% das matrículas entre 2011 e 2012 (ABED, 2014). Além disso, não há artigos que relatem a representação social da EaD. Dessa forma trata-se de um tema de interesse.

3. Marco Teórico

3.1 Ensino a Distância (EaD)

Para Moran (2002) e Santinello (2007), a EaD é uma modalidade educacional baseada na autoaprendizagem, onde os alunos e professores estão espacialmente e/ou temporalmente separados. Já para Litto e Formiga (2012), a EaD escolariza respeitando o ritmo de rendimento do aluno, com autonomia da aprendizagem. É considerada uma forma complementar ou

alternativa à educação tradicional possuindo um importante papel de democratização do conhecimento.

Patto (2012) e Chauí (1980) criticam a EaD, pois acreditam que a comunicação presencial nunca pode ser superada pela comunicação por meio da tecnologia, já que a última nivela por baixo os conhecimentos adquiridos. Para Zuin (2006) os cursos de EaD que tiveram sucesso foram aqueles que promoveram a aproximação presencial do professor e do aluno.

De acordo com Tallent-Runnels (2006) existem três modelos de educação: 1) educação *online* - curso feito integralmente pela *internet*; 2) educação tradicional (cara a cara) - curso feito integralmente presencial e 3) educação híbrida - curso parcialmente presencial e feito pela *internet*.

Bayma (2009) afirma que o modelo híbrido é o ideal, pois: 1) substitui as aulas expositivas, por material interativo *online*; 2) faz uso de aulas gravadas em vídeo e disponibilizadas via vídeo *streaming*; 3) possui fóruns de discussão; 4) oferece monitoria *online* aos alunos; 5) apoia projetos colaborativos virtuais e 6) oferece recursos tecnológicos de apoio.

Ainda, de acordo com Bayma (2009), as principais vantagens e desvantagens da EaD são: 1) vantagens: maior alcance de público; flexibilização de métodos e materiais atendendo a quem não tem tempo; 2) desvantagens: reduzida troca de experiências entre aluno e professor e aluno-aluno e *networking*. Tais desvantagens estão sendo minimizadas pela tecnologia.

Camargo e Santos (2009) identificaram a existência do preconceito e uma atitude negativa contra a EaD no meio acadêmico, relacionando-a com palavras como “picaretas” e “incompletos”.

A evolução das TICs revolucionou as formas de ensinar e aprender. A EaD fez emergir a necessidade de repensar o modelo pedagógico, o papel do professor e a metodologia de avaliação tradicional (MELLO, 2014). Para Valente (1993) e Neitzel (2001) a tecnologia acelera o processo de mudança educacional, onde o aluno controla o processo de aprendizagem e de construção do conhecimento.

No entanto, Batista (2014) alerta que uma das fraquezas do uso da TI na EaD é justamente o fato do Brasil ser um país pobre, onde grande parte dos

cidadãos não possui computador, ou seja, há forte carência no acesso à uma apropriada infraestrutura de TI.

3.2 Teoria da Representação Social (TRS)

Segundo Jodelet (2001) e Alves-Mazzotti (2009) as representações sociais são importantes, pois buscam compreender o imaginário social sobre o pensamento e as condutas das pessoas a respeito de um determinado objeto a ser representado. De acordo com Alves-Mazzotti (2009) a representação social *“investiga justamente como se formam e como funcionam os sistemas de referência que utilizamos para classificar as pessoas e grupos e para interpretar os acontecimentos da realidade cotidiana.”* (ALVES-MAZZOTTI, 2009, p. 60).

A representação social é estruturada a partir de um núcleo central e no seu entorno se encontra o sistema periférico (ABRIC, 2003). Segundo Vergara e Ferreira (2006), o núcleo central é a parte mais importante da representação social de um objeto a ser representado, pois reflete as percepções mais coesas do grupo pesquisado. O Núcleo central gera, organiza e estabiliza toda a representação social sendo decisivo para dar o sentido que um dado objeto assume para um grupo (VERGARA E FERREIRA, 2006).

Na TRS também se identifica a existência de um sistema periférico mais flexível, que gira em torno do núcleo central e que acomoda as contradições contextuais imediatistas do grupo pesquisado. Dessa forma, o sistema periférico não é consensual, mas é flexível, possibilitando a adaptação da representação social ao imediato preservando o imutável núcleo central (MARCHISOTTI, 2014).

4. Percurso Metodológico

Este artigo segue os princípios da pesquisa quali-quantitativa exploratória (VERGARA, 2013). A coleta de dados foi realizada por meio de um *link* com a pesquisa, onde os respondentes deveriam expressar quais as cinco palavras que lhe vinham à mente quando se deparam com a expressão "Educação a Distância". Trata-se da técnica denominada evocação de palavras.

Com relação ao tipo de amostra adotou-se a amostra por acessibilidade ou conveniência (VERGARA, 2013). Utilizou-se o *software* SPHINX como ferramenta para a coleta dos dados e análise amostral. A pesquisa foi disponibilizada por 23 dias, entre os meses de Abril/2015 a Maio/2015, totalizando 100 respondentes, que possuem o seguinte perfil: 1) 44,4% do gênero feminino e 55,6% do masculino; 2) 91% está na faixa dos 25 aos 55 anos de idade, com destaque para a faixa entre 36 e 45 anos (37%); 3) 91% residem na região sudeste; 4) houve uma predominância dos respondentes cuja profissão era a de engenheiro (36%); 5) 81% possuía no mínimo curso de pós-graduação (especialização e aperfeiçoamento), com 34% possuindo título de mestrado; 6) 63% dos entrevistados haviam feito algum tipo de curso à distância, com destaque para os cursos de pós-graduação (especialização e aperfeiçoamento), com 23,8%. De acordo com Moscarola (1990) e Marchisotti (2014) a partir de 100 respostas aumenta-se de forma consistente a taxa de sucesso de uma pesquisa.

Para a definição da representação social da EaD, adotou-se como técnica de tratamento de dados a técnica do “quadro de quatro casas” de Pierre Vergès, que dispõe em um quadro os elementos do núcleo central e sistema periférico da representação social da EaD (VERGARA E FERREIRA, 2006) e utilizou-se como apoio o *software* EVOC. Esta pesquisa procurou focar apenas nas palavras que fazem parte do núcleo central.

Já para a correta identificação do significado que cada uma das palavras encontradas no núcleo central da representação social da EaD utilizou-se as respostas de duas questões abertas do questionário: 1) Qual das palavras citadas é a mais importante? Porque? e 2) Favor descrever com as suas próprias palavras o que é EaD. Dessa forma, todas as respostas das questões acima foram analisadas via análise de conteúdo, desde que o entrevistado tenha evocado uma das palavras que tenha sido incluída como parte do núcleo central da representação social da EaD dando maior ênfase para a primeira resposta, que é explicitamente o pensamento do entrevistado sobre determinada palavra parte do núcleo central. A análise de conteúdo é um processo dedutivo ou inferencial, desenvolvido a partir de palavras ou indicadores (Freitas e Janissek, 2000).

5. Apresentação e Discussão dos Resultados

Mediante a análise dos dados coletados, utilizando-se o *software* EVOC, identificou-se o núcleo central da representação social da EaD, a saber: **Flexibilidade, Facilidade, Praticidade, Disciplina, Tempo, Barato, Custo, Oportunidade, Internet e Comodidade.**

A palavra **Flexibilidade** sugere que a EaD é uma forma mais adequada para superar as barreiras impostas pelo modelo de ensino presencial. A EaD é mais flexível, uma vez que o curso não possui horário pré-determinado sendo feito dentro da disponibilidade do aluno, remotamente e independente de um local físico pré-determinado. Litto e Formiga (2012) já afirmavam que a EAD escolariza e respeita o ritmo de rendimento e autonomia da aprendizagem do aluno. No entanto, há ressalvas quanto a ausência de encontros presenciais, seja para realizar avaliações ou para se estimular a interação entre os alunos e entre aluno e professor. Belonni (1999) e Bayma (2009) já alertavam que essa era uma das desvantagens da EaD e que poderia gerar um desestímulo por parte do aluno em seguir adiante com o curso.

A palavra **Facilidade**, por sua vez, possui conotações positiva e negativa. A conotação negativa refere-se à sensação de que os cursos de EaD são inferiores do ponto de vista de conteúdo e cobrança. Camargo e Santos (2009), bem como Litto e Formiga (2012) já afirmavam que a EaD sofre com preconceitos ao longo do tempo. Já pela conotação positiva, a EaD é descrita como mais fácil de ser feita, uma vez que se adequa a disponibilidade de tempo do aluno e realizado em sua própria residência. A EaD facilitaria ainda o acesso à boa educação, de quem mora longe dos grandes centros. É o que Bayma (2012) alertava sobre a possibilidade que a EaD possui de alcançar um maior número de alunos.

Já a palavra **Praticidade** representa a forma prática, ágil e de acordo com o planejado, com que o aluno pode realizar um curso, em um cenário de escassez de tempo. Há ressalvas, no entanto, com relação a importância da qualidade do material, dos meios de comunicação e dos tutores, que precisam se adequar a EaD. É o que Bayma (2009) descreve como uma das vantagens da EaD, ou seja, flexibilização de métodos e materiais de ensino adequados, bem como a possibilidade de tutoria *online*.

A palavra **Disciplina** descreve as características comportamentais que o aluno precisa ter ou adquirir, para que seja possível aprender por meio da EaD, como organização pessoal e ser autodidata. Vem ao encontro do que Moran (2002) e Santinello (2007) pensam, uma vez que para eles a EaD utiliza do processo de autoaprendizagem. Valente (1993) e Neitzel (2001) corroboram esse entendimento, pois o aluno é que controla o processo de aprendizagem sendo responsável pela construção do seu conhecimento.

Por sua vez a palavra **Tempo** expressa o ganho de tempo propiciado pela EaD, em detrimento ao presencial, uma vez que não há deslocamento físico do aluno até a sala de aula. Menciona-se, também, a importância de se ter um professor para retirar dúvidas e orientar o aluno no atingimento dos objetivos do curso, mediante algum tipo de interação, indo ao encontro do que foi mencionado por Bayma (2009).

Já a palavra **Barato** demonstra um dos grandes ganhos da EaD para o aluno, que é a possibilidade de se fazer um curso, com a mesma qualidade do similar presencial, porém com custos menores. Vai ao encontro do que Litto e Formiga (2012) alertavam a respeito dos custos mais baixos da EaD em comparação ao ensino tradicional mantendo-se a qualidade, de forma a democratizar o acesso à educação. A ideia da palavra **Custo** é a mesma do que Barato, ou seja, a EaD possui uma melhor relação custo-benefício se comparado com ao presencial.

A palavra **Oportunidade** associa a EaD à criação de oportunidades para os alunos que possuem dificuldades para realizar cursos, seja por falta de tempo, dificuldade para descolamento, impossibilidade de arcar com custos mais altos ou tenham condições financeiras limitadas. Litto e Formiga (2012) já alertavam sobre o poder transformador do ensino a distância, uma vez que é responsável pela democratização do acesso da população à educação, ou seja, a EaD é uma ferramenta de inserção social.

Já a palavra **Internet** é percebida como um recurso fundamental para a existência da EaD, pois sem a mesma, grande parte dos cursos a distância hoje disponibilizados não poderiam existir. Relaciona-se também as plataformas e sistemas envolvidos no armazenamento do conteúdo. Vai ao encontro do que Mello (2014) defende, ou seja, com o surgimento da *internet*, uma nova sociedade foi criada, baseada na aprendizagem e no conhecimento.

No entanto, ao mesmo tempo, há uma crítica à precariedade da infraestrutura de rede, que não atende a toda a população e que acaba por não utilizar as potencialidades que essa modalidade de educação possui. É o que Batista (2014) afirmava como uma das fraquezas da TI na EaD, pois o Brasil é um país pobre, com grande parte da população sem ao menos ter um computador, o que falar da infraestrutura como um todo.

Por fim, a palavra **Comodidade** dá o sentido de redução substancial nos transtornos causados na rotina de um aluno propiciadas pela EaD. Nesse contexto do artigo, o significado dado para a palavra Comodidade é similar às palavras Praticidade, Flexibilidade e Facilidade, ou seja, essas palavras possuem significados similares.

6. Conclusões e Recomendações

De forma geral, conclui-se que a percepção dos brasileiros a respeito da EaD é **positiva, mas com ressalvas e considerando premissas a serem seguidas**.

Conclui-se que as ressalvas à perspectiva positiva sobre a EaD baseiam-se na percepção de que a EaD é fraca, de menor qualidade, mais fáceis do que os cursos presenciais ou não são tão eficazes. Essas críticas, no entanto, não vêm embasadas em dados concretos. Muito dessa negatividade a respeito da EaD vem da falta de interação presencial entre professor e aluno, da suposta fragilidade de conteúdo e cobrança desse novo meio de ensino, suposta perda de aprendizado por ser cansativo e sem estímulo e até mesmo da falta de valorização do mercado para aqueles que optam por esse tipo de curso. No entanto, tais aspectos negativos não representam a expressão da grande maioria sendo tratadas nesse trabalho apenas como ressalvas.

Conclui-se também que, apesar da visão positiva que os brasileiros possuem da EaD, algumas premissas precisam ser seguidas, para que essa modalidade de ensino seja efetiva: 1) necessidade de se mesclar a EaD com encontros presenciais; 2) necessidade dos cursos baseados na EaD possuir professores capacitados, não abrindo mão da interação e 3) o material precisa ser adequado para essa modalidade de ensino, assim com os meios de comunicação e tecnologias utilizadas.

Baseado nas evidências apresentadas, conclui-se que o modelo híbrido parece ser o mais aderente à visão dos brasileiros a respeito da EaD, mesmo que os brasileiros não se deem conta da existência dessa modalidade de EaD.

Considerando os elementos do núcleo central da representação social da EaD e premissas foi possível desenvolver uma nova definição sobre a EaD considerando a visão dos brasileiros da região sudeste:

A EaD é um modelo de ensino flexível, prático, fácil e cômodo para o aluno, pois é realizado a distância, dentro do horário disponível, com menor impacto à sua rotina e propiciando economia de tempo se comparado com o ensino presencial. Utiliza-se a internet como meio de comunicação, bem como plataformas tecnológicas para a transmissão de conteúdo, no entanto, sempre com a necessidade de algum tipo de interação presencial entre aluno e professor. Os custos desse tipo de modalidade são menores, o que a torna mais barata do que o modelo presencial. A EaD gera oportunidades para os alunos que não teriam condições de fazer um curso presencial tornando-a valiosa e democrática. Contudo, a EaD exige disciplina do aluno, que precisa de organizar bem e ser autodidata para cumprir seus objetivos de aprendizado efetivo. Além disso, os professores precisam ser capacitados e o material de qualidade, compatível com tal modalidade de educação.

Uma importante limitação desta pesquisa trata-se da falta do teste de centralidade, pois de acordo com Vergara (2013) auxilia na estruturação dos termos no núcleo central. Além disso, a pesquisa limitou-se apenas a um grupo relativamente pequenos de entrevistados e preponderantemente profissionais cuja formação é a de engenharia

Como recomendações, sugere-se que as palavras que não fazem parte do núcleo central precisam ser melhor explicadas, pois carregam consigo os aspectos mais flexíveis e negociáveis da representação social da EaD. Sugere-se, também, que se faça uma análise de grupos focais para identificar se há alteração da percepção, considerando-se raça, gênero, posição social ou se é professor ou aluno.

Referências

ABED - **Associação Brasileira de Ensino a Distância**. Disponível em: <<http://www.abed.org.br/site/pt/>>. Acessado em 23/06/2014.

ABRIC, J. C. *Le recherché du noyau central et de la zone muette des représentations sociales*. In: _____. **Méthods d'étude des représentations sociales** [Methods for the study of social representations], p. 59-80, Ramonville Sant-Agne, France: Éres, 2003.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação. **Múltiplas Leituras**, v. 1, n. 1, p. 18-43, 2009.

BAYMA, F. Considerações sobre Educação a Distância no Ensino Superior: A experiência da Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro: **E-papers: Fundação Getúlio Vargas**, 2009 - Capítulo 2.

CAMARGO, S.; SANTOS, M. M. M. ETD – **Educação Temática Digital**, Campinas, v.11, n.1, p.273-297, jul./ dez. 2009 – ISSN: 1676-2592.

FREITAS, H.; JANISSEK, R. Análise léxica e análise de conteúdo: técnicas complementares, seqüenciais e recorrentes para exploração de dados qualitativos. **Porto Alegre, RS, Sphinx Sagra, 2000. 176p**

JODELET, D. Representações sociais : um domínio em expansão. In: _____. (org.). **As Representações sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001, p.17-44.

LITTO, F. M.; FORMIGA, M. **Educação a distância: o estado da arte**. – 01. ed. – São Paulo: Pearson, 2008.

MARCHISOTTI, G. G. **A representação social do cloud computing na visão dos profissionais de TI brasileiros**, 2014

MELLO, F. B. Avaliação em EAD: A Universidade Corporativa SEBRAE e suas Trilhas de Aprendizagem. – **Revista FGV Online**, Vol. 1, No 2, p. 58-73, 2011.

MOSCAROLA, J. Enquêtes et Analyse de donnés avec le Sphinx. **Paris: Libraire Vuibert**, 1990.

TALLENT-RUNNELS, M. K. et al. *Teaching courses online: A review of the research*. **Review of educational research**, v. 76, n. 1, p. 93-135, 2006.

VERGARA, S. C.; FERREIRA, V. C. P. A representação social de ONGs segundo formadores de opinião do município do Rio de Janeiro. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 5, p. 1137-a, 2006.

VERGARA, S. C. **Projetos e Relatórios de Pesquisas em Administração**. São Paulo: Atlas, 2013.

ZUIN, A. A. S. Educação a distância ou educação distante? O Programa Universidade Aberta do Brasil, o tutor e o professor virtual. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 96, p. 935-977, 2006.